

## ONDE ESTÃO OS CAPATAZES? FUGAS IMPOSSÍVEIS E INIMIGOS INCORPORADOS

Lab. Crítica, por Bruno Reis

Link: <https://bit.ly/2y20HDI>

Um homem negro chega perto do microfone, nomeia seus amigos presentes e afirma: “são muitos os capatazes, não é somente um.” O momento é o final da performance **Gente de Lá**, de Wellington Gadelha. A fala de Maurício Lima, que abre essa crítica, é uma referência ao mote do Festival Atos de Fala – AdF. 19 – neste ano: *Escapar do capataz*. Gostaria de fazer esse texto pensando justamente o recorte da curadoria, refletindo sobre como é possível pensar na questão do escape, da fuga, a partir de seu modo de articular alguns dos trabalhos apresentados.

**Gente de Lá** evoca, já a partir do título, a uma distância/ausência. Através de inúmeros materiais dispostos no cenário e manipulados pelo performer, há uma evocação às vítimas do genocídio da população negra nas periferias do Brasil. Sacos de lixo preto, pipas e camisas vermelhas estendidas no chão. O chão é vermelho, como o tênis do performer, que se veste, por sua vez, todo de preto. Os materiais são apresentados um a um, enquanto ao fundo uma projeção pisca “isso é uma emergência”. O espetáculo usa diversos signos que apontam sempre para o mesmo sentido, aliás: isso é uma emergência. A disposição dramática oscila entre uma redundância típica de qualquer alerta, ao mesmo tempo que parece tentar produzir variações, mas com poucas alterações de sentido.

Se por um lado quase todos os materiais apresentados fazem referência ao assassinato da população jovem e negra por parte do Estado brasileiro, existe um certo contraponto na trilha de funk tocada ao vivo pela *dj* Priscilla Sousa. Gadelha joga serragem e areia sobre a superfície da caixa e o pó vibra, faz desenhos, se movimenta ao som do 150. É uma primeira tentativa de produzir uma alquimia da presença, inicialmente tornando o som visível através das vibrações do pó sobre a caixa de som. A serragem e a areia remetem também a café e açúcar, como no trabalho de Grada Kilomba, em exposição na Pinacoteca de São Paulo, dois dos produtos extraídos a partir da exploração colonial de mão de obra negra escravizada. Fico ainda com algumas questões: qual a relação entre a música e a desaparecimento? A música é um traço que fica. O pó dança sobre a caixa de som. A música permanece. Mas e os corpos?

Depois de cerca de uma hora de performance solo no palco, Gadelha interrompe a encenação da ausência de uma “gente de lá” e abre um espaço na cena para a participação de pessoas da plateia. Aqui.

“O microfone está posto e a encruzilhada está aberta”, ele repete algumas vezes, encorajando que sujeitos que se relacionem com as questões encenadas na performance tomem a palavra. O convite aberto no fim do espetáculo tem um endereçamento: Maurício Lima foi um dos muitos artistas negros que tomaram o microfone. “São muitos os capatazes, não é somente um”, ele alerta, logo depois de citar o nome de todos os amigos negros que estavam presentes, como se chamasse todos para prestarem atenção. Em vez de listar os capatazes, como sua fala de início

parece querer indicar, ele cita aqueles que devem se proteger. Para falar de alguns assuntos é necessário cautela, um certo silêncio, um direito ao segredo, como diria Jota Mombaça.

Além de Maurício muitos outros artistas negros tomam o palco, alguns declamando poesias, outros dando pequenos depoimentos ou fazendo apontamentos, como foi o caso de Maurício. Uma parte estava lá a convite do próprio Gadelha, outras pessoas tiveram a iniciativa de participar na hora. Chal Enigma e Kaya, dupla de poetas, falaram sobre suas vidas e a lida com o racismo e a opressão de classe. Tuany Nascimento, do Complexo do Alemão, conta da sua trajetória como bailarina e da escola Na Ponta dos Pés<sup>[1]</sup>, que ensina balé para crianças da comunidade e cuja sede foi construída pela própria Tuany junto com o pai, que é pedreiro. Tori Castro apresenta um poema sobre resistência chamado Carne de Pescoço e no final faz uma denúncia sobre um caso de racismo ocorrido no curso de dança na UFRJ. A estudante comunica que dois bolsistas foram desligados de um projeto vítimas de racismo. O caso repercutiu nas semanas seguintes pela internet, mas imagino que muita gente tenha tido o primeiro alerta ali.